

ninguém ousava perguntar por que diabo maltratava tanto seu desgraçado marido. Tem gente que gosta de apanhar — era o que os outros diziam, finalmente se afastando dele, dando-lhe as costas, indo fazer roda noutra mesa. E lá ficava ele, bebendo sozinho. Também, bebendo assim, não há mulher que agüente. Mas meu filho, ele bebe justamente por causa da mulher! E os mais experientes sacudiam a cabeça: uma vergonha. Isso não é homem. Comigo não tinha disso não.

Durante mais de nove anos a fio. O homem já estava um trapo de tanto beber e apanhar. No serviço zombavam dele, acabou deixando também de trabalhar. Pois se a mulher quer bater mesmo, motivo é que não há de faltar: andava mal vestido, barba por fazer, sempre bebendo ou sempre cheirando a cachaça e retardando o quanto podia a hora de ir para casa. Mas acabava tendo de ir, não ia dormir na rua. E era só bater na porta, a mulher o arrastava para dentro, aos empurrões, só fazia dizer meu Deus do céu, que é que eu fiz, mulher, para você me tratar dessa maneira, e ia chotar na cama, que é lugar quente.

Vai um dia os conhecidos estranharam a sua ausência no botequim da esquina. Era sempre o último abrigo que o acolhia, na ronda de outros botequins, antes de ir para casa enfrentar a megera. Será que caiu por aí na sarjeta já bêbado, hoje não agüentou nem chegar até aqui? Ou a mulher já deu para vir buscá-lo na rua, tangendo-o para casa a vassouradas, como um boi para o matadouro? Nada disso, lá vem ele ali na esquina, e que é que houve? Hoje está bem composto, os cabelos penteados, barba feita e anda a passos firmes, nem parece o mesmo. Que houve com você, José? Todos se acerraram, quando ele se senta na mesa e pede uma talagada de cachaça. Que é que houve? Nunca

ERA um homem que apanhava de mulher. Todo mundo na cidade sabia disso. Desde que se casara vinha levando surras diárias, e ao menor propósito: isto é hora de chegar da rua? Que é que você está me olhando? Andou bebendo outra vez? E tome pescção. Ao fim, já não havia propósito algum: era ir chegando e apanhando. Poderia reagir, se quisesse, a mulher era mais fraca do que ele. Em vez disso, limitava-se a defender a cabeça com os braços: que é isso, mulher? Você perdeu o juízo, mulher. Os vizinhos podem ouvir. Desde que se casara, isto é: para mais de nove anos. É lógico que os vizinhos ouviam, quase que participavam daquela cena diária: às vezes os mais curiosos vinham até espiar pelas janelas da rua, que eram baixas.

Com o tempo, o pobre deu mesmo para beber, e ficava sentado no botequim toda tarde, se lamuriando com os raros amigos que ainda se dignavam de acerrar-se dele. Isso é uma vergonha, José, você não pode continuar assim. Mas o que é que você quer que eu faça? Minha mulher é uma fera. Experimente desacatá-la, para você ver só. O mais engraçado é que com os outros a mulher não era fera nenhuma, tratava todo mundo com delicadeza e educação — mas



me viram? E despachou os outros com um gesto, voltou-se, cruzou as pernas e ficou olhando a rua e fazendo hora, impassível. Quando a hora chegou, virou a cachaca de uma só vez, enxugou a boca com a manga do paletó e levantou-se: é hoje. Os outros, assombrados, foram seguindo rua abaixo atrás dele, que foi que houve? É o José, deu nele uma coisa, não bebeu quase nada, está todo bonitão com olhos brilhando que só vendo, hoje vai ter. E foram seguindo, os do bilhar nem tiveram tempo de largar o taco, também queriam ver o que havia com o José. E a turba foi se engrossando, praticamente a cidade inteira viera para a rua: alastrata-se a notícia de que o José naquele dia parecia disposto a acabar com a raça da mulher e todos queriam ver.

José atravessou a rua, subiu os três degraus de cimento de sua casa, e antes de bater na porta (havia muito a mulher lhe tomara a chave) olhou no relógio para se certificar bem se era mesmo a hora que costumava chegar nos outros dias. Do lado oposto da rua os curiosos se mantinham a precavida distância — podia até sair tiro — mas espichavam os olhos e ouvidos para não perder nada da cena.

José bateu na porta e a mulher veio abrir. Deu com ele ali parado, ereto, bem penteado e barbeado, olhando-a firme nos olhos. Por cima do ombro do matido viu a multidão do outro lado e abriu a boca para perguntar o que significa isso. Mas no que falou a primeira palavra, José estendeu o braço e desferiu-lhe tremendo bofetão na cara, que a projetou dentro de casa como um saco. Ele se adiantou, batendo com uma mão na outra, antes de fechar a porta ainda cumprimentou os circunstantes, dizendo com licença.

E a portas fechadas, começou a exemplar a mulher. Todos se precipitaram para a janela e assistiram, assistiram a tudo de olhos esbugalhados, a mulher gritando que é isto,

José! você está maluco, você me mata, que é isso meu marido não faz isso comigo não. E o José a cada pescção só fazia dizer toma, toma, e mais toma, com um ronco de tanta força que empregava, todos chegaram a temer que ele estivesse disposto a matar a mulher a pancadas — o que seria bem feito, concordavam alguns, com entusiasmo, bem feito, é bom para ela aprender que em homem não se deve bater assim porque se for homem mesmo a coisa um dia pega fogo, vocês não estão vendo?

E daquele dia em diante José deixou de apañhar. Para rou de beber, passava no botequim só para uma cervejinha, que isso também não faz mal a ninguém, em companhia dos amigos que voltaram a cercá-lo. Passou a ser respeitado por todo mundo, inclusive no emprego — voltou a trabalhar. E principalmente pela mulher, que protestava, gritava, chorava, mas no fundo achava bom e o tratava com carinho, meu José, meu homem, maridinho, meu cigano — e ele sempre a primeira coisa que fazia era ir chegando e descendo o braço na mulher.

IN: SABINO, Fernando. "Os melhores contos de Fernando Sabino". Rio de Janeiro: Record, 1986, pag. 148-151.